



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Vander Luiz Matos de Araújo

UM ESTUDO DO VOCATIVO *VÉI* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Brasília
2016

Vander Luiz Matos de Araújo

UM ESTUDO DO VOCATIVO *VÊ* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Artigo apresentado à disciplina Projeto de Curso como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Doutor Marcus Vinicius Lunguinho

**Brasília
2016**



Vander Luiz Matos de Araújo. **Um estudo do vocativo *véi* no português brasileiro.**
Brasília: Universidade de Brasília. 2º semestre de 2016.

Artigo submetido à disciplina *Projeto de Curso* como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Lunguinho.

ARTIGO

Um estudo do vocativo *véi* no português brasileiro

Vander Luiz Matos de Araújo

Universidade de Brasília

RESUMO

Neste artigo, analisamos a expressão vocativa *véi*, expressão característica do português falado no Distrito Federal, buscando: a) entender sua origem, b) descrever alguns aspectos de sua sintaxe e c) mostrar as impressões que as pessoas têm em relação a essa forma vocativa. Propomos que a forma linguística *véi* se origina de um processo de gramaticalização que se origina na expressão *meu velho amigo* e termina com a formação da expressão *véi*. A partir da análise de dados de língua em uso (colhidos em conversas informais, em mensagens de Whatsapp e em dados da internet), mostramos que essa expressão pode aparecer em diversas posições no período além de poder vir acompanhada de outros constituintes. Com base em dados coletados por meio de um questionário apresentado a 45 participantes, a maioria (27 pessoas) afirmou usar a palavra *véi* como vocativo em suas interações diárias. Os outros entrevistados (18 pessoas) disseram não usar essa forma vocativa, utilizando-se de justificativas baseadas em um ideal de manutenção de identidade linguística ou em puro preconceito linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: *Véi*. Gramaticalização. Vocativo. Identidade linguística. Preconceito linguístico.

ABSTRACT

In this paper we analyze the vocative expression *véi*, a linguistic feature of the variety of Portuguese spoken in Federal District. Our aims are: a) to understand its origin, b) to describe some syntactic aspects of it and c) to show the impressions some people have about it. We propose that *véi* results from a process of grammaticalization, whose starting point is the expression *meu velho amigo* ('my old friend') and its end point is the rising of the expression *véi*. Through the analysis of data from language in use (collected in informal conversation, in Whatsapp messages and in internet pages), we show that *véi* appears in several positions in the sentence and it can be accompanied by other constituents. Based on data collected through a questionnaire presented to 45 participants, the majority of them (27 people) reported that they use *véi* as a vocative in their daily interactions. The other participants (18 people) said they did not use this vocative form, and their justification for not using *véi* are based on an ideal of maintaining their linguistic identity or on pure linguistic prejudice.

KEYWORDS: *Véi*. Grammaticalization. Vocative. Linguistic identity. Linguistic prejudice.

Introdução

Neste artigo, estudamos o vocativo, uma função sintática pouco explorada nas gramáticas do português. Nosso estudo sobre essa função sintática toma como objeto de estudo a expressão vocativa *véi*, tal qual é usada no português brasileiro falado no Distrito Federal. Três são os nossos objetivos ao analisar a forma *véi*:

- a) entender como essa forma surgiu;
- b) descrever como se usa essa forma linguística; e
- c) mostrar as impressões que as pessoas têm em relação a essa forma vocativa.

Para alcançar esses objetivos, nossa base teórica compõe-se de três fontes bibliográficas: informações presentes em gramáticas do português, estudos sobre gramaticalização e trabalhos sobre sociolinguística. Nossa análise resulta de uma combinação de dois conjuntos de dados. Para descrever como se usa a forma *véi*, foram usados dados de língua em uso colhidos em conversas informais, em mensagens de Whatsapp e em dados da internet. Para mostrar as impressões das pessoas em relação à forma *véi*, foi elaborado um questionário que foi apresentado a 45 pessoas que se dispuseram a participar dessa etapa de coleta de dados.

O trabalho se organiza em seções. Na primeira seção, mostramos como quatro gramáticas da língua portuguesa abordam o vocativo. Na segunda seção, com base em trabalhos sobre gramaticalização, propomos um caminho de mudanças que culminam com o surgimento da expressão vocativa *véi*. Na terceira seção, descrevemos alguns usos da forma vocativa *véi*. Finalmente, na quarta seção, apresentamos as impressões que as pessoas entrevistadas relataram ter frente à forma linguística *véi*.

1. O vocativo nas gramáticas

Nesta seção, descreveremos como o vocativo é abordado nas gramáticas do português. Faremos isso a partir da apresentação de quatro gramáticas: a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (ROCHA LIMA, 1992), a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA & CINTRA, 2008), a *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009) e a *Gramática Descritiva do Português* (PERINI, 2005).

1.1 Rocha Lima (1992)

O vocativo não é considerado por Rocha Lima como um termo pertencente à estrutura da oração. Para ele, trata-se de um termo de natureza explicativa usado para chamar alguém ou para dirigir-se a alguma pessoa ou a um ente personificado. O autor ilustra sua explicação, apresentando os seguintes exemplos:

- (1) a. *Senhor!* Porque nos deste uma língua tão pobre na gratidão?
- b. *Ó seu Pilar!* Bradou o mestre com voz de trovão.

Em seguida, Rocha Lima (1992) menciona algumas interjeições que podem anteceder o vocativo como *eh!*, *olé!*, *olá!* e *ó!*. Uma dessas interjeições – *ó* – aparece, no exemplo (1b), como parte do vocativo [*Ó seu Pilar*].

1.2 Cunha & Cintra (2008)

Os autores descrevem o vocativo como um termo que: a) não se subordina a nenhum outro termo oracional, b) aparece isolado do resto da oração; e c) apresenta entonação exclamativa. Sua função principal é invocar, chamar ou nomear uma pessoa com quem se fala ou um objeto personificado. É o que se vê nos exemplos abaixo:

- (2) a. *Manuel*, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
b. *Ó sinos de Santa Clara*, por quem dobrais, quem morreu?

No exemplo (2a), o vocativo é um substantivo próprio, desacompanhado de interjeição. Já no exemplo (2b), o vocativo é um substantivo comum personificado, acompanhado da interjeição *ó*.

Os autores mostram que, mesmo estando isolado da oração e não sendo subordinado a outro(s) termo(s) dessa oração, existe a possibilidade de o vocativo manter algum tipo de relação com outro(s) termos da oração:

- (3) a. Dizei-me *vós, Senhor Deus*!
b. *Ó lanchas*, Deus *vos* leve pela mão!

No exemplo (3a), o vocativo [*Senhor Deus*] se relaciona com o sujeito [*vós*] e, no exemplo (3b), o vocativo [*Ó lanchas*] se relaciona com o objeto [*vos*]. Nesses dois casos, os vocativos fornecem a referência para os pronomes.

1.3 Bechara (2009)

Como os outros gramáticos já apresentados, Bechara inicia sua explicação, afirmando que o vocativo é um termo isolado dos demais termos oracionais. Seu principal papel é o de exercer uma função apelativa de 2ª pessoa, servindo prioritariamente para pôr em evidência a pessoa ou a coisa a quem o locutor se dirige. É o que se ilustra com os exemplos abaixo:

- (4) a. *Felicidade*, onde te escondes?
b. *José*, vem cá!
c. Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Como se vê, os três vocativos presentes nos exemplos em (4) têm função apelativa, pois se voltam a uma 2ª pessoa, a qual pode ser uma coisa, como no exemplo (4a), ou uma pessoa, como nos exemplos (4b) e (4c),

No caso de (4c), a oração apresenta um vocativo que não parece ser uma unidade à parte da estrutura sintática. O vocativo [*meu irmão*] se relaciona com o sujeito, representado pelo pronome pessoal [*tu*]. Nesse caso, a posição do vocativo dá a impressão de que ele faz parte do termo anterior como fosse um aposto explicativo dele. Nas palavras de Bechara (2009, p.461), o vocativo, em algumas situações, “como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte”.

Outro ponto importante referido por Bechara (2009) tem a ver com a palavra *ó* que pode acompanhar o vocativo. Segundo o autor, apesar das gramáticas a tratarem como uma interjeição, ele vai analisá-la como um morfema de vocativo por conta da entonação própria, que serve como um tipo de marca que a diferencia das interjeições propriamente ditas.

1.4 Perini (2005)

Seguindo as propostas presentes nas gramáticas tradicionais, Perini descreve o vocativo como uma estrutura estranha à oração. Para ele, a conexão do vocativo com a oração não é de natureza sintática, mas sim de natureza discursiva. Para ilustrar sua argumentação, o autor usa os seguintes exemplos:

- (5) a. *Serginho*, a bandeira.
- b. *Serginho*! A bandeira está no chão.

Os exemplos acima mostram que o vocativo pode ser isolado da oração não só por vírgulas como também por marcas que sinalizam o final de um período.

Além disso, o vocativo pode ser separado da oração por meio da mudança de interlocutores no turno conversacional. É o que se vê abaixo:

- (6) – Serginho!
- O quê?
- A bandeira está no chão.

Outra característica do vocativo é que ele pode estar associado a uma resposta própria:

- (7) – Maria!
- O quê?
- (8) – Maria?
- Estou aqui

Essas respostas mostram que o vocativo, diferentemente de outros termos oracionais comporta-se como uma frase independente. Segundo o autor, “a oração (ou, melhor dizendo, o período) é que pode ter uma resposta, mas não o seu sujeito, ou predicado, ou adjunto circunstancial etc.” (PERINI, 2005, p.91).

Por fim, destaca o autor que a semântica apoia a ideia de ser o vocativo um termo externo à oração, uma vez que o significado do vocativo não se relaciona com o significado da oração contígua. Nesse ponto, vocativos diferem de adjuntos oracionais, que demonstram essa integração:

- (9) *Com franqueza*, desconfio de vocês.

No exemplo acima, o significado do adjunto [*com franqueza*] interage com o significado de [*desconfio de vocês*], o que mostra haver uma relação semântica entre esse adjunto e o termo que ele modifica, diferentemente do que ocorre com o vocativo, o qual não estabelece essa relação.

1.5 Sumário

Como vimos, nas quatro gramáticas estudadas, afirma-se que o vocativo não é um termo que faz parte da estrutura da oração. Perini (2005) argumenta que o elo que une o vocativo à oração não é sintático, mas de natureza discursiva.

Apesar de ser um termo que não mantém uma relação sintática com a oração como um todo, Cunha & Cintra (2008) e Bechara (2009) mencionam que o vocativo pode manter algum tipo de relação com outros constituintes da oração.

Acerca de sua função, as gramáticas de Rocha Lima (1992), de Cunha & Cintra (2008) e de

Bechara (2009) destacam que o vocativo funciona como uma expressão de chamamento, invocação, apelação etc. Além disso, essas três gramáticas mencionam que é possível o uso de interjeições para acompanhar esse constituinte. Bechara (2009) chega inclusive a tratar a interjeição *ó* como um morfema: o morfema de vocativo.

Vista a caracterização do vocativo nas quatro gramáticas estudadas, passaremos a descrever as propriedades da expressão *véi*. Começamos pela origem dessa forma linguística.

2. Um pouco da história da forma linguística *véi*: a gramaticalização

Nesta seção, trataremos da origem do vocativo *véi*. Nossa ideia é a de que *véi* surgiu a partir de um processo de mudança linguística conhecido pelo nome de gramaticalização. Lopes (2015, p.198) define a gramaticalização da seguinte forma:

A gramaticalização, grosso modo, ocorre quando um item lexical/construção passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo status como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática (= recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema.

O processo de gramaticalização, segundo Vitral e Ramos (2006, p.19) se caracteriza por três alterações:

- a) alterações sintáticas: mudança na classe sintática do item que sofre a gramaticalização;
- b) alterações semânticas: esvaziamento semântico ou perda de conteúdo do item que sofre a gramaticalização; e
- c) alterações morfofonéticas: redução ou diminuição do item que sofre a gramaticalização, tais como desaparecimento de sons, perda de sílabas ou queda de acento.

Veremos agora como essas mudanças caracterizam o surgimento do vocativo *véi*. Adotamos a hipótese de que esse vocativo surge a partir da expressão [*meu velho amigo*], a qual se gramaticaliza e produz a forma *véi*, objeto deste estudo.

O percurso de gramaticalização dessa forma se inicia com a supressão do substantivo *amigo*, o qual seria o núcleo do sintagma [*meu velho amigo*], dando origem ao sintagma [*meu velho*].

Com o desaparecimento da palavra *amigo*, a palavra *velho* deixa de ser adjetivo e passa a ser um substantivo e, conseqüentemente, assume a função de núcleo do sintagma [*meu velho*]. Isso caracteriza duas etapas do processo de gramaticalização, que são a mudança sintática e a mudança semântica do item lexical.

O pronome possessivo *meu*, nesse sintagma, tem valor afetivo. Em relação a esse valor do pronome possessivo, Bechara (2009, p.184) afirma que, “além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia...”. Nesse caso, o pronome *meu* tem a função específica de enfatizar uma relação afetiva e cortês entre pessoas. Para o surgimento do vocativo *véi*, desaparece o possessivo, restando do sintagma inicial apenas a palavra *velho*, a qual, como adjetivo, podia aparecer em mais de uma posição sintática, mas, após essas mudanças que caracterizam o processo de gramaticalização, começa a ficar com sua distribuição sintática restrita, desempenhando apenas a função de vocativo e aparecendo nas posições próprias a essa função. Os estágios de gramaticalização por que passou a expressão [*meu velho amigo*] e que foram descritos até agora são resumidos abaixo:

(10) [*meu velho*_{ADJETIVO} *amigo*_{SUBSTANTIVO}] > [*meu velho*_{SUBSTANTIVO}] > [*velho*_{SUBSTANTIVO}]

Na função vocativa, três são as formas variantes: *velho*, *véio* e *véi*. Mostraremos como acontecem as alterações morfofonéticas que produzem cada uma dessas formas¹:

- (11) *velho* > *véio*
 ['vɛλɔ] ['vɛɣɔ]

Nessa primeira transformação fonética, vemos a substituição da consoante palatal [λ] pela vogal [i]. Essa transformação de [λ] em [ɣ] é chamada de despalatalização, que é a transformação de um fonema palatal em um fonema não palatal, nesse caso, em [ɣ], um glide². Vejamos agora o outro desdobramento dessa expressão até a expressão final:

- (12) *véio* > *véi*
 ['vɛɣɔ] ['vɛi]

Na transformação acima, há uma apócope, uma vez que ocorre a supressão do som final [u]. Com a queda do [u], chegamos ao final de mais uma etapa do processo de gramaticalização da expressão [*meu velho amigo*] até chegar à expressão vocativa *véi*.

3. *Véi*: descrevendo algumas características do objeto de estudo

Nesta seção, apresentaremos algumas características (sócio)linguísticas referentes à expressão *véi*. Primeiramente, discutiremos, de modo muito breve, o lugar onde se fala essa forma linguística e os sujeitos que a empregam. Em seguida, mostraremos como essa forma é empregada no dia a dia, em situações concretas de uso efetivo da língua.

3.1 Breves considerações sociolinguísticas acerca da forma *véi*

Vários lugares têm formas próprias de falar que acabam se tornando características desses lugares. O Rio de Janeiro, por exemplo, tem como um de seus traços linguísticos característicos o uso das fricativas (alveo-)palatais [ʃ] e [ʒ] em certos contextos, ao passo que, em outros lugares do Brasil, empregam-se as fricativas dentais (também conhecidas como alveolares) [s] e [z]:

(13)

Palavra	Pronúncia	
	Rio de Janeiro	Outros lugares do Brasil
lápis	lápi [ʃ]	lápi [s]
caspa	ca [ʃ] pa	ca [s] pa
desde	de [ʒ] de	de [z] de
lesma	le [ʒ] ma	le [z] ma

A respeito dessa diferença fonética, Teyssier (1997: 100) afirma o seguinte:

¹ Nas transcrições fonéticas apresentadas nessa seção, seguimos Cristóvão Silva (2007).

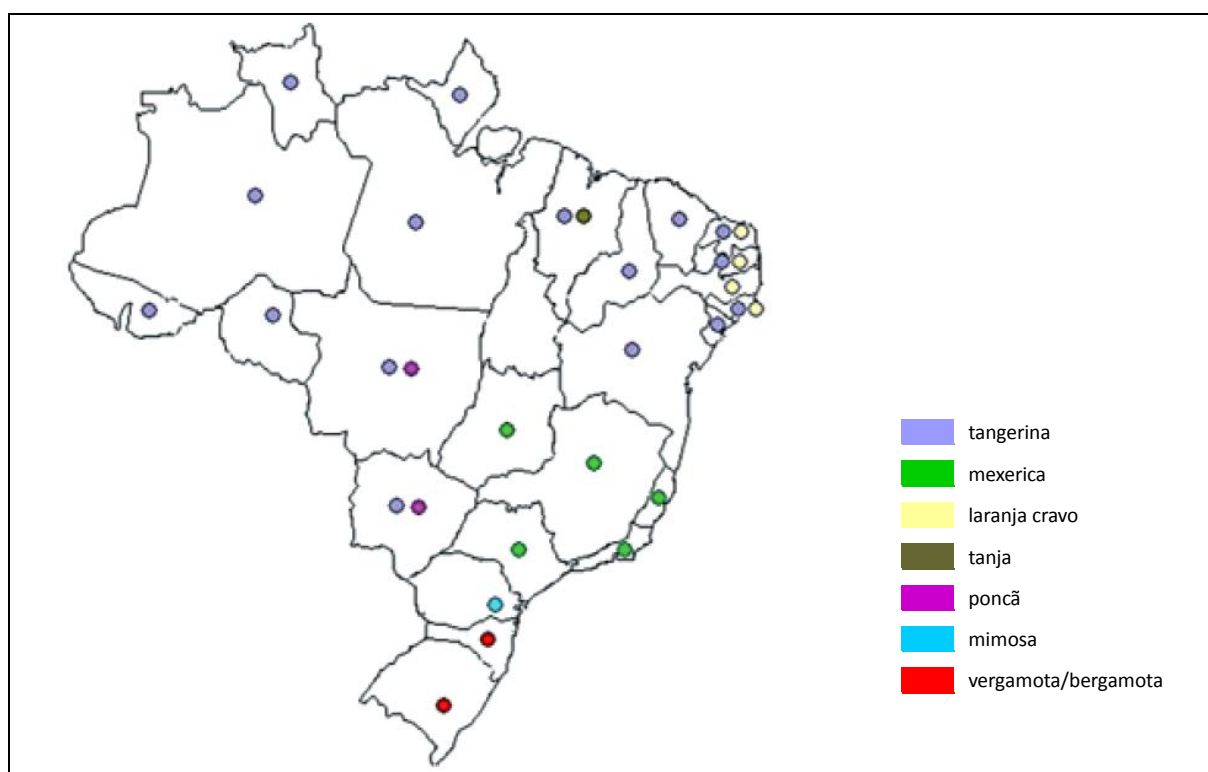
² Essa mudança também é referida na literatura como vocalização.

Na maior parte do Brasil, os -s e os -z implosivos são sibilantes, realizados como [s] em final absoluto (atrás, uma vez) ou diante de consoante surda (vista, faz frio), e como [z] diante de consoante sonora (mesmo, atrás dele). Mas no Rio de Janeiro e em toda a zona dita carioca, assim como em diversos pontos do litoral, encontram-se [ʃ] e [ʒ] chiados, nas mesmas condições que em Portugal. O chiar carioca é, talvez, um efeito da “relusitanização” do Rio de Janeiro, quando D. João VI aí instalou a sua capital em 1808. Há, pois, atualmente, duas pronúncias de -s e -z implosivos no Brasil: a pronúncia sibilante, largamente majoritária, e a pronúncia chiante, característica principalmente do Rio de Janeiro, e que goza do prestígio sociocultural da antiga capital federal.³

Diferentes maneiras de usar recursos morfossintáticos também servem como marcas de um lugar, como, por exemplo: a) o uso de *tu* ou de *você* para fazer referência à 2ª pessoa do singular; b) o uso de *nós* ou de *a gente* para fazer referência à 1ª pessoa do plural; c) o uso de *tu* com flexão de 2ª pessoa ou de 3ª pessoa, entre muitos outros aspectos.

Além disso, diferenças lexicais também podem ser usadas como definidoras de certos lugares. O mapa abaixo ilustra como as pessoas de diferentes lugares do país denominam “a fruta da família da laranja que se descasca com as unhas”:

Figura 1: Variantes para a palavra *tangerina* no Brasil



Fonte: Aguillera & Altino (2012, p. 878)

Levando em consideração essa discussão, pode-se dizer que a forma linguística *véi* caracteriza um espaço geográfico do país: o Distrito Federal⁴. Essa expressão é usada como vocativo e é muito comum na fala informal dos brasilienses. Esse vocativo também pode ser

³ Na notação de Teyssier, os símbolos [ʃ] e [ʒ] correspondem, respectivamente, aos símbolos [ʃ] e [ʒ].

⁴ Como esta pesquisa se restringiu ao espaço do Distrito Federal, estamos afirmando que a forma linguística *véi* é característica da variedade de português falada no Distrito Federal. Sabemos, no entanto, que essa forma não restringe ao espaço do Distrito Federal, pois há registros do uso dessa forma em outros lugares do Brasil. É necessária, portanto, uma pesquisa sociolinguística ou dialetológica para determinar, com exatidão, a distribuição da forma vocativa *véi* no território brasileiro.

encontrado na língua escrita, mas na escrita informal. Assim, pode-se dizer que a característica que rege o emprego de *véi* é o traço [INFORMAL] da situação de comunicação.

Sobre os sujeitos que empregam a forma *véi*, pode-se dizer que são, em geral, os mais jovens, mas não se restringe a eles. Essa expressão é usada tanto por homens como por mulheres nas suas interações sociais.

Apresentadas essas breves características sociolinguísticas do vocativo *véi*, passaremos agora a elencar alguns exemplos desse vocativo, colhidos em dados de língua em uso.

3.2. Como se usa *véi*?

Nesta seção, mostraremos como a forma linguística *véi* é empregada pelos brasileiros. Os dados que serão apresentados foram coletados por mim em: diálogos informais do dia-a-dia com meus amigos, em mensagens de grupos do Whatsapp dos quais faço parte e em dados da internet.

Como já dissemos, essa forma é empregada como um vocativo:

- (14) a. *Véi*, que bom que o semestre está acabando.
b. *Véi*, você tem que estudar mais.
c. É hoje, *véi*, a festa do Frederico?
d. Sabe aquele dia, *véi*, você me deixou na mão.
e. Faz isso não, *véi*!
f. Toca a bola, *véi*.

Como se vê nos exemplos acima, a forma vocativa *véi* pode aparecer em qualquer posição dentro do período: no início (14a-b), no meio (14c-d) ou no final (14e-f).

O vocativo *véi* pode ser associado a recursos prosódicos como o alongamento vocálico e diferenças entonacionais:

- (15) a. *Véééi?! O* quê você está fazendo?
b. *Véééééééi*, nem vou te contar.

Nos exemplos acima, há um alongamento da vogal [ɛ], que, combinado com todos os elementos da frase, produz efeitos discursivos diversos. Com (15a), enunciador pode querer veicular os sentidos de surpresa, de espanto, de indignação; ao passo que, com um alongamento maior da vogal [ɛ] em (15b), esse enunciador pode querer passar ao seu interlocutor a ideia de que o que ele vai relatar é muito importante, ou de que é algo inacreditável.

Além de poder vir sozinho, o vocativo *véi* pode aparecer acompanhado de uma interjeição:

- (16) a. *Êêêê véi*, tira logo essa foto.
b. *Ôôôô véi*, deixa eu ir com você?
c. *liiihih véi*, creio que não conseguirei terminar.
d. *Hummm véi*, esqueci de depositar o dinheiro.
e. *Aaaaaah véi!!!* Já sei onde encontrarei aquela camisa.
f. *Putz véi!* Isso mesmo que você falou.

Interessante que, em todos os dados em (16), há também o alongamento vocálico. Diferente do que acontece em (15), esse alongamento não afeta a forma *véi*, mas as interjeições. Em relação aos efeitos discursivos de cada sentença, temos o seguinte: a sentença (16a) é usada para chamar a atenção do interlocutor; a sentença (16b) é empregada para fazer um pedido carinhoso, com jeitinho; a sentença (16c) é utilizada para mostrar que o enunciador não terá condições de fazer algo que lhe foi solicitado; a sentença (16d) é usada para mostrar que o enunciador esqueceu-se de fazer algo que deveria ter feito; a sentença (16e) é empregada para mostrar que o enunciador

lembrou-se de algo; e, finalmente, a sentença (16f) é utilizada para demonstrar concordância.

A forma *véi* pode também estar relacionada a formas verbais:

- (17) a. *Para, véi!* Você não comprou aquele carro?!
b. *Véi...para!* Já disse que não gosto dessas brincadeiras.

Nos dois exemplos em (17), *véi* aparece associado à forma verbal *para*. No primeiro caso, o enunciador mostra sua descrença ou desconfiança quanto à compra do carro pelo interlocutor; no segundo, o enunciador demonstra estar se sentindo desconfortável com algo que o interlocutor está fazendo com ele. É importante destacar que a ordem entre o vocativo e a forma verbal pode ser alterada sem alteração no conteúdo da sentença:

- (18) a. *Véi, para!* Você não comprou aquele carro?!
b. *Para...véi!* Já disse que não gosto dessas brincadeiras.

Finalmente, o vocativo *véi* pode ainda ser modificado:

- (19) *Véi do céu!* Nós não vamos conseguir chegar a tempo.

Nesse caso, a sentença em (19) está sendo usada para veicular a constatação de que não há possibilidade de executar uma ação.

Como se vê, em todos os casos, há uma forte interação de vários elementos, quais sejam:

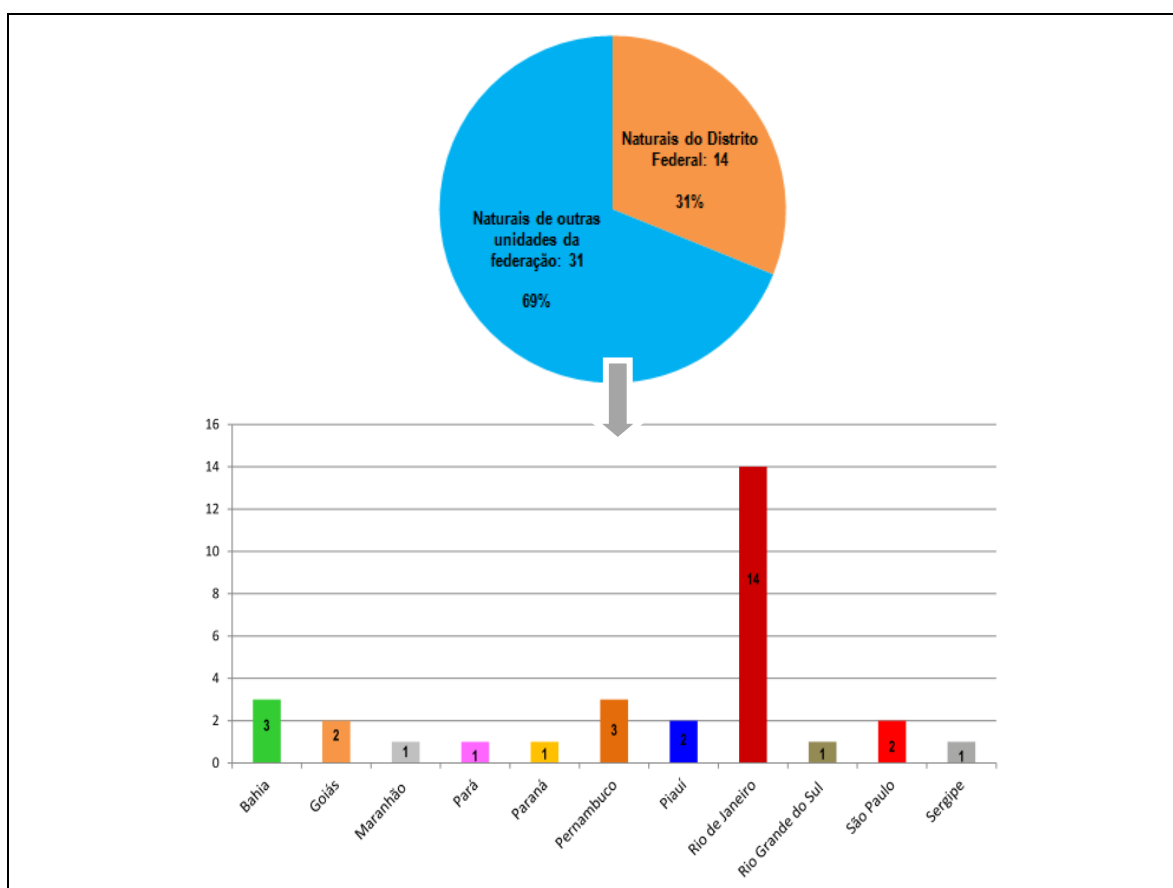
- a) a forma vocativa *véi*;
- b) a prosódia (alongamentos, entonação ascendente, entonação descendente...);
- c) a existência de uma interjeição; e
- d) os demais constituintes presentes na sentença.

Dessa combinação, as sentenças com a forma vocativa *véi* podem ser usadas para veicular diversos valores semântico-discursivos por meio de um processo composicional.

4 Impressões linguísticas das pessoas acerca da forma *véi*

Nesta seção, apresentaremos as impressões linguísticas que os falantes têm em relação à forma linguística *véi*. Para coletar os dados referentes a essa parte da análise, consultamos 45 pessoas (34 do sexo masculino e 11 do sexo feminino) que se dispuseram a participar de nossa pesquisa. Todas essas pessoas residem no Distrito Federal, mas não são necessariamente naturais dessa unidade da federação, como se vê no gráfico abaixo:

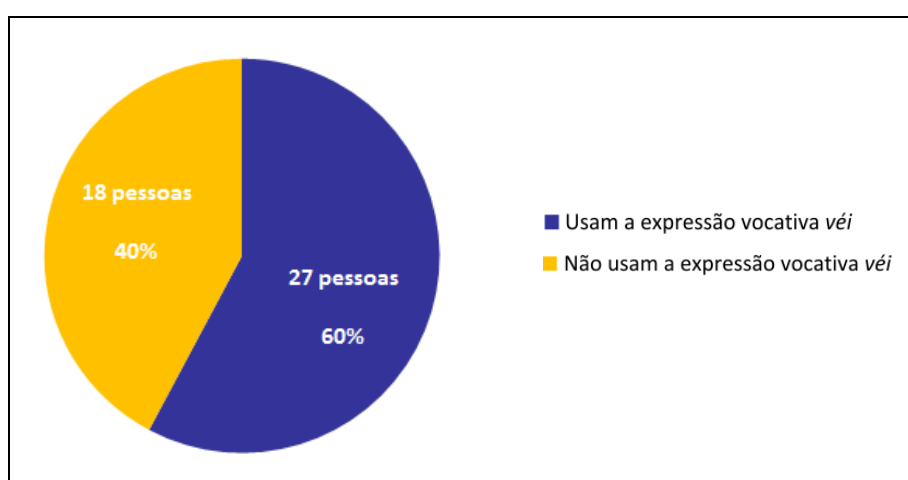
Gráfico 1: Proveniência geográfica dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaboração do autor do trabalho

Como primeiro instrumento de coleta de dados, formulamos a seguinte pergunta: Você usa a expressão *vêi* no seu dia-a-dia? Essa pergunta foi apresentada a todos os participantes da pesquisa e os resultados que obtivemos foram os seguintes:

Gráfico 2: Uso da forma vocativa *vêi* pelos participantes da pesquisa



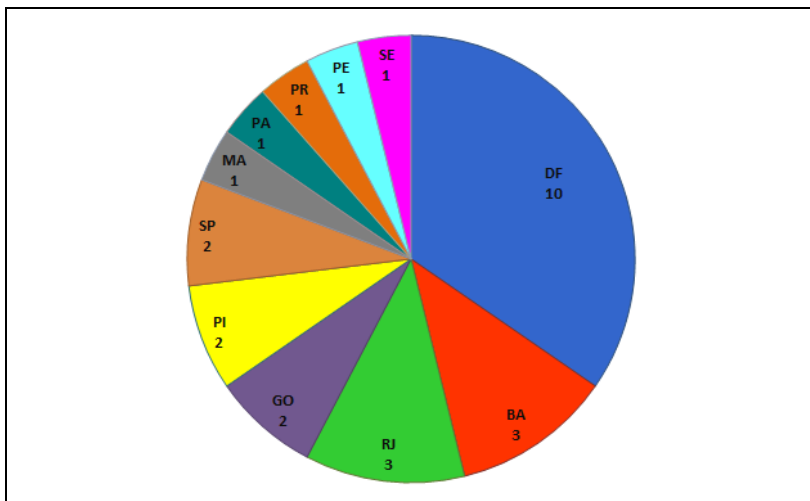
Fonte: Elaboração do autor do trabalho

Como se vê, dos 45 participantes, 27 pessoas (60% do total) responderam que usam, sim, a forma vocativa *vêi* em suas interações do dia-a-dia, enquanto 18 (40% do total) disseram que não usam essa expressão.

Entre aqueles que dizem usar a forma *vêi*, há pessoas provenientes do Distrito Federal (10

informantes); da Bahia e do Rio de Janeiro (3 informantes de cada estado); de Goiás, do Piauí e de São Paulo (2 informantes de cada estado); do Maranhão, do Pará, do Paraná, de Pernambuco e de Sergipe (1 informante de cada estado):

Gráfico 3: De onde provêm as pessoas que usam a forma vocativa *véi*

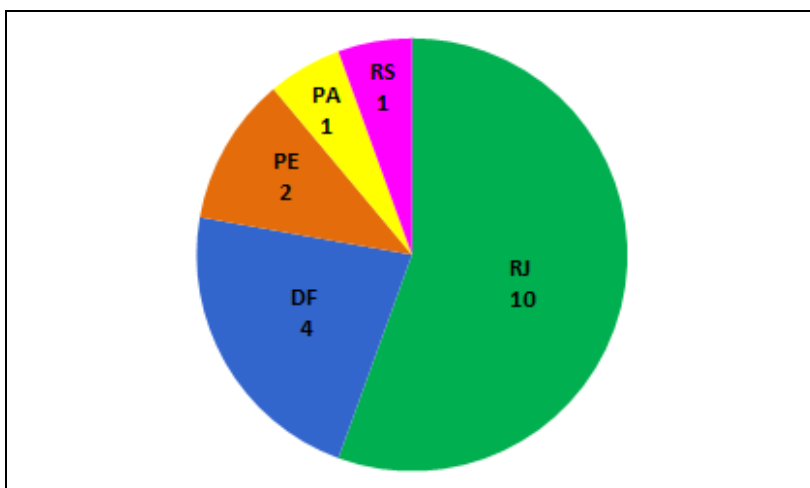


Fonte: Elaboração do autor do trabalho

Como se vê no Gráfico 3, a maioria dos pesquisados que usa a forma *véi* é natural do Distrito Federal (10 informantes), o que pode ser reforçar a nossa hipótese de que essa forma é um traço linguístico característico desse lugar.

O Gráfico 4 ilustra a quantidade de informantes que disseram não usar a forma *véi*:

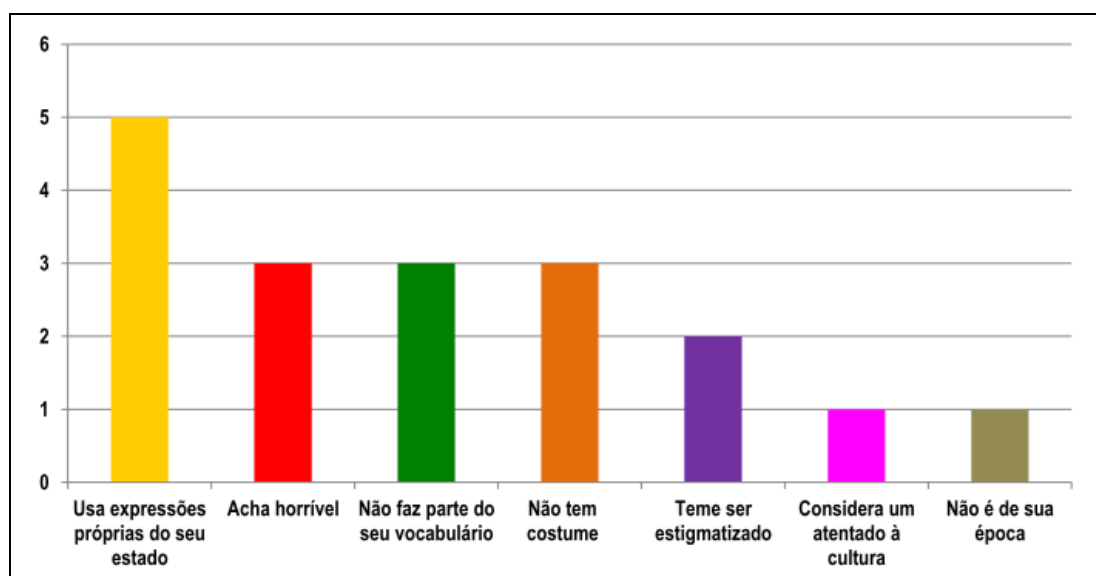
Gráfico 4: De onde provêm as pessoas que não usam a forma vocativa *véi*



Fonte: Elaboração do autor do trabalho

Como segundo instrumento de coleta de dados, formulamos a seguinte pergunta: Por que você não usa a expressão *véi* no seu dia-a-dia? Essa pergunta foi direcionada apenas àquelas pessoas que disseram não usar a forma vocativa *véi* e os resultados que obtivemos aparecem no Gráfico 5:

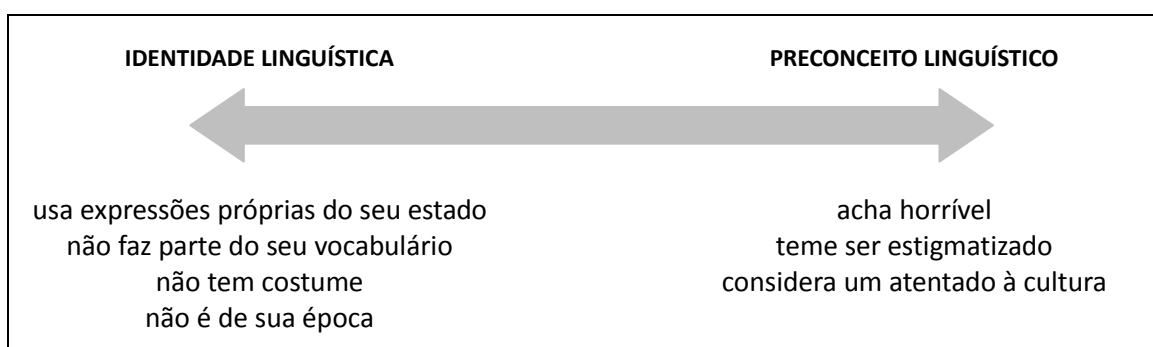
Gráfico 5: Justificativas dos participantes da pesquisa para não usarem a forma vocativa *véi*



Fonte: Elaboração do autor do trabalho

As pessoas que não usam a forma vocativa *véi* foram agrupadas em 7 grupos com base em suas justificativas. Essas justificativas podem ser organizadas como se vê na Figura 2:

Figura 2: Identidade e preconceito em relação à forma vocativa *véi*



Fonte: Elaboração do autor do trabalho

Como se vê, analisando as justificativas dadas para não usar a forma vocativa *véi*, vemos que elas se distribuem em dois extremos: algumas justificativas têm a ver com uma questão de identidade linguística dos participantes da pesquisa enquanto outras justificativas revelam puro preconceito em relação a essa forma linguística.

Considerações finais

Este artigo tomou como objeto de estudo a expressão vocativa *véi*. A análise de apresentamos para essa forma linguística foi guiada por três objetivos:

- entender como essa forma surgiu;
- descrever como se usa essa forma linguística; e
- mostrar as impressões que as pessoas têm em relação a essa forma vocativa.

Informações presentes em gramáticas do português, estudos sobre gramaticalização e trabalhos sobre sociolinguística constituíram a base teórica em que nossa investigação se desenvolveu. Os dados analisados provieram de duas fontes: dados de língua em uso (colhidos em conversas informais, em mensagens de Whatsapp e em dados da internet) e dados coletados por meio de um questionário apresentado a 45 pessoas.

Em relação ao surgimento dessa forma linguística, propusemos que ela surgiu a partir de um processo de gramaticalização que afetou a expressão *meu velho amigo*, a qual foi perdendo seus elementos constituintes na seguinte ordem: *meu velho amigo* > *meu velho* > *velho*. Esse processo de mudança linguística teve impacto na sintaxe e na semântica dos elementos que faziam parte da expressão original. Além dessas mudanças que afetaram a sintaxe e a semântica, o surgimento da forma *véi* se caracterizou por mudanças morfofonéticas que se desenvolveram do seguinte modo: *velho* > *véio* > *véi*.

No que se refere aos usos da forma *véi*, vimos que ela é uma expressão com função vocativa característica do português falado no Distrito Federal. Como vocativo, *véi* pode aparecer em várias posições dentro do período e pode vir sozinha ou acompanhada de outros constituintes ou recursos linguísticos, tais como interjeições, verbos ou modificações prosódicas. Da interação de *véi* com esses elementos linguísticos resultam os valores semântico-discursivos associados a *véi*.

No tocante às impressões que as pessoas têm acerca da forma vocativa *véi*, perguntamos a 45 pessoas (naturais do Distrito Federal ou não) se elas usavam a palavra *véi* no seu dia-a-dia. Dessas 45 pessoas entrevistadas, 27 pessoas afirmaram usar a palavra *véi* como vocativo em suas interações diárias. Dessas pessoas, a maioria (10 pessoas) era nascida no Distrito Federal, enquanto as outras 17 eram nascidas em outros estados (Bahia, Rio de Janeiro, Goiás, Piauí, São Paulo, Maranhão, Pará, Paraná, Pernambuco e Sergipe). Esse resultado reforça a nossa ideia de que *véi* é um traço linguístico característico do português falado no Distrito Federal.

Nossa pesquisa ainda mostrou que 18 pessoas afirmaram não empregar a palavra *véi* em suas interações. Dessas pessoas, a maioria (10 pessoas) era nascida no Rio de Janeiro e as demais eram nascidas em outros estados (Distrito Federal, Pernambuco, Pará e Rio Grande do Sul). A essas 18 pessoas perguntamos por que elas não usavam essa forma linguística e elas assim se justificaram:

- 5 pessoas preferem manter as características linguísticas de seu estado de origem;
- 3 pessoas acham essa forma horrível;
- 3 pessoas não têm essa palavra como parte de seu vocabulário;
- 3 pessoas não costumam de empregá-la em suas interações do dia-a-dia;
- 2 pessoas temem ser estigmatizadas;
- 1 pessoa considera essa forma linguística um atentado à cultura e
- 1 pessoa diz que *véi* não é de sua época.

Um estudo dessas respostas permitiu organizá-las levando em conta dois grupos: há pessoas que não usam a forma vocativa *véi* porque querem manter sua identidade linguística enquanto há pessoas que não usam essa forma por preconceito linguístico.

Sabemos que muitas questões ainda ficam por ser investigadas em relação à forma vocativa *véi*. Este trabalho pretendeu contribuir com o estudo dessa forma linguística e instigar outros estudos.

Referências bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de A.; ALTINO, Fabiane C. Para um atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. **Alfa**, v.56, n.3, p.861-879, 2012.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português**. 9 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Filipe L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- LOPES, Célia R. dos S. Tópicos de história do português pelo viés da gramaticalização. **LaborHistórico**, v.1, n.2, p.197-209, 2015.
- PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. **Gramaticalização: uma abordagem formal**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.